

Teixeira Bastos

P E N G U I N



C L Á S S I C O S

Habitações Operárias

N.º 10

«E vive-se ali?
Vive-se
e sofre-se!»

TEIXEIRA BASTOS

Nasceu em 1857, Lisboa, Portugal

Morreu em 1902, Lisboa, Portugal

Habitações Operárias é um estudo político-social do jornalista

Francisco José Teixeira Bastos, publicado em 1898
na Secção editorial da Companhia Nacional Editora.

ÍNDICE

I	7
II	11
III	23
IV	35
V	45
VI	57
NOTAS	61

I

A questão social abrange muitos problemas, sendo evidentemente um dos principais o da habitação. É tal a importância dele, que pertence na atualidade ao número dos assuntos que chamam mais a atenção não só dos socialistas como dos economistas e dos filantropos de todos os centros da civilização.

Não se busca a solução definitiva do problema da habitação, a qual depende, como a de todos os outros problemas sociais, das transformações por que estão passando as sociedades contemporâneas, em obediência à lei histórica da evolução; o eminente economista belga, Hector Denis, ainda há poucos meses, no Congresso Internacional das Habitações Operárias, efetuado na Bélgica, demonstrou a necessidade, para se atingir o desejado fim, de uma

transformação do regime da propriedade. O que se espera neste momento é encontrar os meios práticos de fornecer aos operários, e em geral às classes menos favorecidas, melhor habitação do que aquelas em que vivem, isto é, casas económicas e higiénicas.

Este problema, que preocupa há muito tempo, em todos os países, os que se interessam pela questão social, e ainda os que só desejam melhorar o viver dos proletários, tem sido descurado em Portugal, nomeadamente em Lisboa, o nosso primeiro centro operário.

Não há casas baratas em boas condições higiénicas, casas para gente pobre, habitações para operários!

Duas vezes por ano, invariavelmente, nos meses de maio e novembro, ouve-se este clamor, saído de todos os recantos da cidade, ecoando na imprensa e estendendo-se uma ou outra vez até ao seio da Câmara Municipal de Lisboa ou do Parlamento.

Passados, porém, os dias 25 de maio e 25 de novembro — dias em que os inquilinos têm de pagar aos senhorios a renda de uma casa, da qual só começam a gozar 36 dias depois, antecipação esta que vai por vezes até 41 dias, porque muitos senhorios exigem agora a renda no dia 20 —, passados esses dias, para os pobres frequentes vezes de tristeza e lágrimas, o clamor que se ouvia distintamente,

esmorece e extingue-se, para reaparecer meses depois, com a mesma intensidade e, em quantos casos, com aumento de razão.

Desconsolador queixume!

Com efeito, a gente pobre, o proletariado, não encontra casas salubres, alegres e confortáveis.

Percorram-se em Lisboa os bairros onde de preferência residem os operários, como, por exemplo, Alfama, esses restos imundos da cidade velha¹, ou a freguesia de Santos-o-Velho, algumas ruas em que se acumula uma parte considerável da população laboriosa; e o que se vê?

Pocilgas infetas e nauseabundas, sem ar, sem luz do dia, nem as mais simples condições de higiene, exalando cheiros deletérios, em ruas estreitas, tortuosas, onde, raras vezes, ou por poucos instantes, entra um raio de sol!

E vive-se ali?

Vive-se e sofre-se! E o que é mais e muito pior, procria-se! Multiplicam-se as gerações na miséria e no vício, nessa aglomeração anti-higiénica e imoral, nessa quase promiscuidade suja e degradante.

E quem se preocupa entre nós com este estado de coisas, quem tenta remediar o mal, quem empreende a construção de casas baratas, espaçosas, expostas à claridade

vivificante do sol, com bom arejamento, com todas as condições aconselhadas pela higiene?

Os proprietários, os donos de fábricas, os próprios operários? Associações de beneficência, ou sociedades por ações? O município ou o Estado?

Na realidade, já por diversas vezes, a imprensa diária tem noticiado uma ou outra tentativa simpática, no sentido de construir habitações baratas e higiênicas para os pobres ou para os operários; já o município tem aprovado projetos de edificações económicas; até mesmo no Parlamento se tem discorrido sobre este assunto de interesse capital para a maioria da população nos centros industriais.

De positivo, de prático, porém, quase nada se tem feito!

II

Nos países estrangeiros muito se tem feito com o fim de melhorar as habitações operárias, as casas para gente pobre.

Bastar-nos-ia citar a Suíça, uma nação pequena e pobre como a nossa. E a Suíça que, do ponto de vista político, é uma nação-modelo, do ponto de vista da remodelação social está ainda longe de atingir a mesma altura. Apesar disso, muito tem realizado. A questão das casas para operários despertou ali a atenção pública e a solicitude dos donos de fábricas. Lavollée na sua interessante obra — *Les Classes Ouvrières en Europe* — publicada em 1882, reuniu elementos curiosíssimos. Extrairemos para aqui alguns.

Na Suíça têm sido ensaiados todos os sistemas para dar à gente pobre, em particular aos operários, habitações

salubres, espaçosas, que fiquem a poucos passos das oficinas e que sejam baratas o mais possível. Em grande parte têm tirado ótimo resultado, apesar das dificuldades que tinham a vencer, das quais não eram decerto as menos importantes o rigor do clima e a aglomeração anti-higiénica, devida à pequenez das cidades.

Muitos operários e industriais, graças à indústria característica do país, a relojoaria, lhes permitir que trabalhem isolados, podem gozar a felicidade de viver em família e no meio do campo². Habitam *chalets* de madeira, espaçosos, arejados, bem limpos, expostos ao bom sol e afastados uns dos outros. Raríssimas vezes precisam sair para ir procurar fora trabalho.

Há exceções, localidades onde os operários estão como os nossos relativamente a habitações.

Schaffhouse, por exemplo, onde os bairros operários são insalubres³. Em Neuchâtel os operários que têm família pagam de renda anual 250 a 300 francos por casas más; um quarto custa de 120 a 150 francos⁴. Em Genebra as habitações miseráveis, insalubres, em ruas estreitas e tortuosas, como as da nossa Alfama, arrendam-se ainda por preços muito mais elevados: um quarto não custa menos de 150 francos e um alojamento para uma família 450 francos⁵.

Boehmert⁶, em 1872, citava casos de viverem famílias num só quarto, num estado vizinho da promiscuidade. E outros de casas com oito ou nove compartimentos habitadas por três ou quatro famílias, tendo de mais a mais hóspedes permanentes! Não era também raro encontrar-se um quarto estreito e baixo, onde dormiam seis, sete e mais homens, isto é, o que sucede em Lisboa nos *quartos de malta*.

Mas na Suíça, onde quer que se denuncie a existência do mal, todos procuram remediá-lo. Assim, o operário encontrou por toda a parte poderosos auxiliares para sair dessa situação miserável. Sociedades de construção e associações operárias, proprietários e fabricantes, especuladores e filantropos disputam entre si os melhores sistemas de casas boas e baratas para dar à gente pobre. Vê-se aí, par a par, o tipo *mulhousiano*, isto é, de casas independentes e isoladas para uma só família, a habitação caserna, as casas agrupadas de duas a duas ou de quatro a quatro, mas tendo cada uma entrada separada, os bairros operários, etc.

Estes últimos multiplicaram-se em alguns cantões, como em Argóvia, Zurique, Glaris e Saint-Gall⁷. Entre os mais notáveis podem-se citar, em primeiro lugar, os da grande fábrica de máquinas de Escher, Wyss & C.^a, em Zurique.

Em 1881, fundou-se um em Ziegelbrück, o qual se compõe de dois edifícios, podendo fornecer habitação para

40 famílias. Cada família fica separada das outras por um corredor, e ocupa uma sala, dois ou três quartos, uma cozinha, um subterrâneo, uma casa para lenha e um pequeno quintal⁸.

Diz Lavollée que todos estes melhoramentos têm sempre em vista a caridade inteligente e o lucro bem entendido⁹.

Associações de vários gêneros promovem essas construções económicas e têm visto os seus esforços coroados do mais brilhante resultado. A par umas das outras, sem se odiarem, sem se guerrearem, rivalizando pacificamente nas forças despendidas, vemos em alguns centros industriais fundarem-se, desenvolverem-se e prosperarem sociedades de capitalistas e agremiações de operários com o fim exclusivo de construir casas baratas e bairros salubres para as classes laboriosas e pobres.

Em Basileia, por exemplo, uma das principais cidades da Suíça, ao lado da Associação para a Construção de Habitações Operárias, fundada em 1870 com o capital de 327 300 francos, e da Sociedade de Utilidade Pública, fundada em 1851 e cujo capital de 100 000 francos foi consagrado à construção de casas do sistema *mulhousiano*, existe a Sociedade Basileense de Construção de Casas Baratas formada só por operários, entre os quais predominam os das construções civis¹⁰.

Esta última empresa, estabelecida por dez membros, cujo capital primitivo não passava de 1000 francos, contava em junho de 1873, 120 associados, que tinham elevado o capital a 15 000 francos por meio de coletas, que variavam de 100 a 1000 francos.

Possui duas classes de sócios. Uns comprometem-se a trazer um capital não inferior a 1000 francos, nem superior a 6000, e tomam uma parte ativa na empresa, consagrando-lhe todo o seu tempo, todas as suas forças, e toda a sua inteligência, em troca de salários fixos ou de uma percentagem sobre os lucros. Os outros, devendo concorrer com o mesmo capital, uma terça parte do qual é pago no ato da inscrição, e as duas restantes em prestações maiores ou menores, consagram as suas aptidões à administração e à contabilidade da empresa, recebendo honorários certos, senhas de presença ou uma parte dos lucros determinada pela assembleia.

A sociedade conta também com associados ou subscritores de obrigações. É considerado tal o possuidor de uma ou mais obrigações, no valor de 100 francos cada uma. As obrigações rendem 5% e dão direito a 20% dos lucros líquidos¹¹.

Na Suíça há muitas associações deste género. E, na verdade, as que se compõem unicamente de operários são as mais interessantes de todas as sociedades construtoras.

Em França, na Inglaterra e na Alemanha também as há.

Em Darmstadt a associação operária (*arbeiterverein*) fundou, em 1868, uma sociedade cooperativa de construção que tem por fim comprar terrenos para edificações e construir casas para operários nos terrenos que adquirir. Ali, como por toda a parte, as casas são vendidas aos locatários. O membro da sociedade que ocupa a casa paga 4% do capital despendido, e uma anuidade, variando entre 5% a 30%, e torna-se proprietário num prazo de tempo maior ou menor, desde três anos e quatro meses até 41 anos e um mês¹².

As sociedades de capitalistas são, porém, muito mais numerosas e, em geral, todas prosperam, prestando valioso serviço às classes trabalhadoras.

A Associação para a Construção de Habitações Operárias, que se fundou em 1870, em Basileia, e à qual já aludimos, tinha o seu capital dividido em ações de 100 francos cada uma, e em dezembro desse ano inteiramente subscrito. Empresa filantrópica, é administrada gratuitamente e os acionistas recebem 4% de juro. Posteriormente emitiu obrigações de 4,5% no valor de 313 000 francos. Em fins de abril de 1882 o fundo de reserva elevava-se a 180 000 francos¹³.

Na cidade de Heilbronn, no Vurtemberg, um dos principais centros industriais da Alemanha, uma companhia, constituída principalmente por fabricantes, fundou um bairro operário que se tem desenvolvido pouco a pouco. As ações vencem um juro máximo de 4%, sendo o excedente dos lucros destinado a constituir um fundo de reserva para a construção de novas casas. Em 1856, edificaram 20 prédios, e em 1861 outros 20.¹⁴

Na Bélgica pululam as companhias construtoras de casas para operários. Em Antuérpia há, desde 1867, uma sociedade para a construção e melhoramento de casas de operários que tem por fim edificar habitações salubres e baratas, estendendo a área da sua ação às comunas vizinhas. Fundou-se com o capital de 2 milhões de francos, dividido em 4000 ações de 500 francos cada uma, e realizando logo 350 000 francos. Em 1876 tinha construído 82 casas para uma só família cada uma, dispersas pela cidade e arrabaldes. O preço de cada casa era, em média, 2800 a 3000 francos e a renda, também em média, 3,75 francos a 4 francos por semana¹⁵.

Em Bruxelas, a Imobiliária Bruxelense e a Sociedade Anónima das Habitações Operárias na Aglomeração Bruxelense rivalizam na construção de casas para operários e em geral para gente pobre. Aquela fundou-se, em 1865,

com o capital de 5 milhões de francos; esta, em 1868, com igual capital. Em 1871, tinha a primeira realizado 900 100 francos do seu capital, e a segunda 766 500 francos; e construído aquela 36 casas com 16 armazéns e 188 habitações, e esta 145 prédios, reunidos em quatro grupos¹⁶.

Em Verviers, a Sociedade Vervierense para a Construção de Casas para Operários, constituída, em 1867, com o capital de um milhão de francos, distribui aos acionistas dividendos que oscilam entre 4% e 6%, e tinha construído, em 1871, 37 prédios em quatro grupos, compreendendo 67 habitações, cuja renda variava em 4 e 21 francos por mês¹⁷.

Por estas rápidas notas vê-se que no estrangeiro as sociedades de construção de casas para operários têm-se desenvolvido e prosperado. Ao mesmo tempo que é incontestável o serviço por elas prestado tanto às classes trabalhadoras, como em geral às populações industriais e à gente pobre, quase todas têm alcançado uma compensação razoável, um juro módico e equitativo, para os capitais empregados.

Nem todas as sociedades que se propõem dar ao operariado *habitações económicas* obedecem sinceramente a inspirações filantrópicas. Muitas, em Paris, por exemplo, visam em especial aos interesses dos acionistas, visto que em regra as habitações pequenas oferecem maior rendimento

do que os prédios grandes e luxuosos. Jules Simon, negando que essas sociedades cumprissem realmente o seu programa, dizia dos proprietários: «Benfeitores, se assim quiserem, mas benfeitores que têm interesse em o ser.»¹⁸

A ação oficial em alguns países também tem sido importante.

No Vurtemberg, por exemplo, o próprio Estado fez-se construtor, edificando para as famílias dos empregados dos correios e dos caminhos de ferro 36 prédios com habitações para 200 inquilinos¹⁹. Mais notável, porém, é a intervenção do Conselho do condado de Londres, demolindo as casas insalubres que os operários habitavam num dos bairros da grande cidade, e construindo no mesmo local novas casas, confortáveis e higiênicas. Referindo-se a este melhoramento, declarou o delegado do Conselho do condado de Londres no Congresso Internacional das Habitações Operárias, que as construções feitas pelo Conselho e destinadas aos operários são casas municipais. «Desde 1892, construíram-se 47 casas. Compreendiam 1639 divisões e serviam de residência a 7038 pessoas. A despesa total subiu a mais de dez milhões. Atualmente [1897], está em reconstrução o bairro insalubre de Boundary Street, que foi demolido por ordem da municipalidade. O antigo bairro continha 730 prédios habitados por 15 719 pessoas.

As novas casas serão todas construídas em conformidade com os preceitos da higiene. No centro do bairro será formado um parque.

«O preço total da reconstrução, e os juros dos empréstimos, a pagar no decurso de 60 anos, está avaliado em, 8 290 250 francos. O preço médio do aluguer, por semana, é de 3,14 francos.

«Em 60 anos, o condado de Londres terá a plena propriedade de todas as casas, livres de todas as dívidas.»²⁰

O Conselho municipal de Londres inaugurou em 28 de janeiro de 1893 um grande estabelecimento social para fazer concorrência à exploração particular das casas mobiladas, de ordinário infetas e repugnantes. Esse edifício foi construído no bairro de Drury Lane e convenientemente mobilado e é bastante espaçoso para acomodar 375 homens. Os locatários encontram aí asseio, conforto, condições higiénicas, calor e luz. Têm além disso em comum uma grande sala de recreio e música, uma biblioteca de mil volumes, um vasto refeitório, uma cozinha para os locatários prepararem os seus alimentos, uma sala de desinfecção para as roupas, um lavadouro, um gabinete para enxugar a roupa lavada, uma casa de costura, duas salas de banhos, etc. O preço de todas estas comodidades é aproximadamente de 100 réis por dia.

Na Suíça, a cidade de Zurique deliberou, há cerca de um ano, fornecer alojamento aos operários ocupados nos trabalhos comunais, 600 chefes de família e 300 celibatários. Para construir casas destinadas a uma ou duas famílias operárias, adquiriu por 940 000 francos um terreno nas vizinhanças da cidade, medindo 22 hectares. E para facilitar aos habitantes da nova povoação rápidas e económicas comunicações, combinou com as companhias de caminhos de ferro a organização de comboios de operários. Adquiriu também no interior da cidade um certo número de casas para residência dos operários celibatários²¹.

O governo do cantão de Basileia, desejando também construir casas para os seus empregados e operários, fez edificar, a título de ensaio, quatro prédios de dois andares, sendo dois de um tipo e dois de outro; um para três famílias, dispondo cada uma de três quartos, uma cozinha, um subterrâneo e uma mansarda; outro também para três famílias, tendo cada uma dois quartos, uma cozinha, um subterrâneo e uma mansarda. Além disso, cada família dispõe de um jardim, e cada um dos prédios tem lavadouro comum, compreendendo duas salas²².

Na Itália, o Conselho comunal de Veneza deliberou construir casas para o operariado, e contraiu um empréstimo de 500 000 francos para a realização dessa ideia²³.

Enfim, citemos ainda a deliberação tomada em 1894 pelo Conselho comunal de Viena de Áustria, para combater a lamentável situação dos operários — 90 000 indivíduos pelo menos acumulados em casas insalubres e estreitíssimas. O doutor Friedjung, conselheiro municipal, tomou a iniciativa da seguinte proposta, que foi aprovada pelos seus colegas:

«1.º Criar um fundo especial com o produto da venda dos terrenos dos baluartes ou pelo menos com a metade dele;

»2.º Empregar este capital na construção, na periferia da cidade, de pequenas casas económicas e especialmente de casas operárias que, em virtude da lei de 9 de fevereiro de 1892, serão isentas de contribuições e cujos alugueres serão determinados de forma que o capital não aufera um juro superior a 2,5%;

»3.º Estas casas serão alugadas em primeiro lugar aos empregados menores da cidade e aos operários que trabalham em serviço dela; em seguida poder-se-á alargar o círculo dos locatários;

»4.º Os juros vencidos pelo capital serão consignados à construção de outras casas com o mesmo destino.»²⁴



P E N G U I N
L I T T L E B L A C K
C L A S S I C S

P E N G U I N  C L Á S S I C O S

N.º 10

Habitações Operárias

No século XIX, transformações sociais dramáticas degradam o acesso de quem trabalha a habitação digna. Um jornalista português reflete sobre um presente que se tornou futuro.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

    [penguinlivros](#)

ISBN: 978-989-596-352-2



9 789895 963522